

UM Núcleo de intergeracionalidade na arte e na educação

Sandra Maria Corrêa Miller¹

Resumo

Este artigo inicia sua introdução com uma trajetória pessoal pavimentada pela estrutura da educação e o encanto da arte. Tem como objetivo versar sobre aspectos da pesquisa em andamento junto ao Projeto de Extensão Universitária, UM -Núcleo de Pesquisa Artística em Dança, pela UNESPAR/FAP, que a meu ver oferece uma interessante perspectiva intergeracional. Como integrante do Projeto apresento algumas percepções advindas das vivências e reflexões com aluno(a)s e ex-aluno(a)s, mestrant(a)os, doutorand(a)os, professores da dança e professores da música da Faculdade de Artes do Paraná. Grupo este conhecido por UM Núcleo, criado há 35 anos pelo colegiado do curso de dança da UNESPAR/FAP. Advindos da própria pesquisa-ação-reflexão alguns temas apresentados tratam da inevitável envelhescência de professores e artistas, sobre confluências e divergências veladas, não discutidas nos espaços sociais, entre as culturas do adulto envelhescente e do jovem estudante. Envolvem percepções sobre o papel das reminiscências e da formação de vínculos que dizem respeito à intra e intergeracionalidade. Através de dados colhidos na pesquisa teórica foi possível reconhecer que um grupo intergeracional é um espaço de compartilhamento, autoconhecimento e de inclusão participativa. Vislumbra-se pontes e muros intra e intergeracionais, porém, não há como mensurar resultados efetivos. Há o reconhecimento de que a educação e a arte podem e devem atuar como mediadoras nas trocas geracionais. Aponta ainda a possibilidade da consolidação de valores éticos e a valorização da construção do saber e do conhecimento coletivo.

Palavras-chave: extensão universitária; dança; arte-educação; Intergeracionalidade

UM NUCLEO of intergenerationality in art and education

Summary

This article begins its introduction with a personal journey paved on an educational structure and the enchantment of art. It has the purpose of addressing the aspects of the research in the course of the Extension Program – An Artistic Dance Research Center, offered by FAP – UNESPAR, which in my view provides an interesting intergenerational perspective. As a member of the program, I developed some perceptions through experiences and reflections with students, former students, master degrees students, doctoral degrees students, music and dance teachers, professors, from Faculdade de Artes do Paraná, a group known as “Um Núcleo”, founded 35 years ago by the Unespar Dance Course Committee. The result of the reflection-action-research, brings up some topics dealing with the inevitable aging process of the teachers and artists concerning the hidden confluences and divergences not discussed in the

¹ Bacharelado e Licenciatura plena em Ciências Biológicas-UNESP-Rio Claro/SP. Docente titular da Rede Oficial de Ensino do Estado de São Paulo-1987-2009. Especialista e Educadora Ambiental da Secretaria de Estado do Meio Ambiente por 11 anos. Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional-FAMERP-S. J. Rio Preto/SP. Docente titular do Centro Paula Souza-cursos técnicos e ensino médio até 2022. Formação e vivências continuadas em Educação Somática, estendida à educação e às artes desde 1989. Integrante-proponente no Projeto- Extensão Universitária-UNESPAR/FAP. <http://lattes.cnpq.br/5962318459890117>

social spaces between the cultures of aging adults and young students. It evokes perceptions on the role of reminiscences and the bond regarding intra and intergenerational. Through data collected in the theoretical research, it was possible to acknowledge that an intergenerational group is a place for sharing self-knowledge and participative inclusion. Glimpses of intra and intergenerational bridges and walls arise, but there's no way to measure effective results. There's recognition that education and art can and should act as mediators on generational exchanges. It also shows the possibility of the consolidation of ethical values and appreciation in the building of collective knowledge.

Keywords: university extension; dance; art education; intergenerationality

INTRODUÇÃO: escrita viva, uma breve história

A inspiração para escrever neste caso surgiu de uma questão atravessada pelos olhos, pinçada no tempo, o que significava ser artista e professora no tempo de nossas avós e de nossas mães?

Predestinadamente, como minha mãe, várias tias e minhas irmãs, me tornei professora! Sou mulher numa família essencialmente matriarcal e de professoras e, destaco o fato de nunca ter conhecido nenhum dos meus avôs e nenhuma das minhas avós, contato nenhum com a ancestralidade mais próxima. Porém, comecei observar cedo as peculiaridades das diferentes gerações na convivência com tia avó-madrinha; tios e tias próximas; a vizinhança que envelhecia enquanto eu crescia, assim como a senhora benzedeira portuguesa com bigode e galhinho de arruda atrás das orelhas, que nos benzia com alecrim. Esse olhar se intensificou ao acompanhar o envelhecer da mãe e ao soar o alerta para a própria *envelhescência*, termo que tratarei em seguida.

A primeira reminiscência é a experiência como educadora aprendiz de um projeto de alfabetização de adultos pelo método de Paulo Freire num Programa de Extensão Universitária pela UNESP-Campus de Rio Claro/SP, com outros jovens universitários, na periferia desta cidade onde cursei Ciências Biológicas. Comecei a sentir as marcas e transformações que as experiências da vida trazem aos corpos segurando durante a escrita as mãos rudes de agricultores familiares, que com suas enxadas plantavam mandiocas diariamente para sobreviverem. Vinham para aprender a assinar seu nome próprio e saíam encantados com o poder das letras, das palavras e com a própria história escrita, construída no cotidiano com os pés e as mãos na terra.

Entre as aulas interessantes de anatomia e fisiologia humana do curso de Biologia na UNESP, de capoeira, de dança e teatro, fui iniciada em coletivos e grupos universitários, me aproximei do próprio corpo e do outro em movimento com intenso interesse. Ao mesmo tempo que me descobria corpo, com grafia gestual própria, palmilhava a potência da pesquisa na iniciação científica e nas atividades culturais e artísticas, adentrei um caminho sem volta de integração entre a arte e a educação, cotidiana e despretensiosamente. Sentia a mesma magia diária, como aquela descoberta pelos trabalhadores e trabalhadoras na grafia das letras durante a alfabetização na escola periférica de Rio Claro/SP. Fato este, que me despertou especial atenção para o potencial de inclusão social e de transformação humana presentes no processo de alfabetização e de aprendizagem escolar, quando somados à escola da vida.

Bacharel e licenciada em Ciências Biológicas, ao longo do tempo, durante a convivência com algumas dezenas de alunos e alunas nos ciclos da Educação Básica, com diferentes gerações de alunos em curso supletivo (atual EJA- Educação de Jovens e Adultos) e, em cursos técnicos profissionalizantes onde as turmas podem apresentar de 17 a 67 anos, observava com interesse os tropeços e as trocas possíveis e presentes nas relações, intra e intergeracionais, das turmas mescladas nas diferentes escolas do Estado de São Paulo, onde transitei como professora.

Paralelo a minha trajetória de profissional da Educação integrei e integro, até o presente momento, grupos experimentais de pesquisa em dança e de consciência corporal, especialmente considerada a partir do contato, estudos e vivências contínuas na Técnica de Educação Somática do renomado pesquisador brasileiro, o bailarino e coreógrafo Klauss Vianna (técnica abreviada como TKV), que agregou diferentes gerações de artistas em torno de sua pesquisa. Fato que também me manteve sempre atenta às relações intergeracionais presentes nos workshops, cursos, residências de pesquisa em dança e outras linguagens artísticas, possibilitadas pela pesquisa individual e proposições de vária(o)s artistas e estudiosa(o)s do corpo, como as de Jussara Corrêa Miller^{*2,2}, a autora de livros sobre a Técnica de Klauss Vianna³, sobre a

*Bailarina, coreógrafa, professora e pesquisadora do corpo e da dança que influencia diferentes gerações da nossa família com sua pedagogia e sua arte.

pesquisa de seu mestre em conjunto com a parceira de vida, Angel Vianna, que inspirou igualmente várias gerações e teve sua trajetória na dança pesquisada, reconhecida e homenageada.

Fisgada pelo mundo do movimento experimental e criativo transmutado em uma dança própria, livre, como educadora percebi a arte como ferramenta preciosa de autoconhecimento e de trabalho. Para experimentar propunha projetos lúdicos e de dança-teatro em algumas escolas públicas, abrindo espaço no tempo curricular. Uma trajetória pavimentada com a estrutura da educação e o encanto da arte para ser, além de professora e corpo pesquisadora, educadora ambiental, arte-educadora, intérprete-criadora ao bailar, me preparando durante a caminhada, levada pelo inevitável impulso de vida, para ser mãe, avó e, quiçá me ver um dia *intergerando* como bisavó.

Durante a especialização em Psicopedagogia pela FAMERP- Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, interessada em novas descobertas sobre corpos presentes nos bancos escolares, sentados muitas horas por dia, comecei a olhar com mais atenção para corpos invisibilizados ou estigmatizados no sistema de educação vigente. Como desdobramento da pesquisa realizada durante essa pós-graduação foram publicados três artigos que tratavam de estratégias de inclusão socioeducativas para corpos diversos, com características especiais e, entre as estratégias consta, a consciência corporal, considerando as comorbidades da hipermobilidade articular e de síndromes genéticas que afetam a estrutura corporal de forma crônica e impactante (MILLER, 2018¹; MILLER; FERRARI, 2015²; MILLER; LAMARI; LAMARI, 2015³).

² MILLER, Jussara Corrêa. **A escuta do corpo: Sistematização da Técnica Klauss Vianna**. 3 ed. São Paulo: Summus Editorial, 2007.

² MILLER, Jussara Corrêa. **Qual é o corpo que dança? Dança e educação somática para adultos e crianças**. 1 ed. São Paulo: Summus Editorial, 2012.

³ VIANNA, Klauss. **A Dança**, em colaboração com Marco Antonio de Carvalho. 3 ed. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

¹ MILLER, Sandra Maria Corrêa. Pessoas com a síndrome de Ehlers Danlos e hipermobilidade articular nas escolas: perspectivas inclusivas. **Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia**. 2018, v. 35, n. 107, p. 217-230.

² MILLER, Sandra Maria Corrêa; FERRARI, Maira Miller. Estratégia de inclusão: resgate da corporeidade no interior das escolas. **Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia**. 2015, v. 32, n. 99, p. 336-345.

³ MILLER, Sandra Maria Corrêa; LAMARI, Mateus Marino; LAMARI, Neuseli Marino. Síndrome de Ehlers-Danlos tipo hipermobilidade: estratégias de inclusão. **Arquivo de Ciências & Saúde**. 2015, v. 22, n. 1, p. 21-27.

Justificativa e discussão

Após a introdução, um relato que emergiu do desejo de buscar nas próprias reminiscências o que me move até o presente momento desta escrita, o objetivo do artigo é apresentar uma reflexão sobre a experiência em andamento junto ao grupo cultural UM- Núcleo de Pesquisa Artística em Dança, Projeto de Extensão da UNESPAR/FAP (tradicional Faculdade de Artes do Paraná), Campus II de Curitiba.

No breve histórico apresentado por Sauthier,2022, no site da UNESPAR-Campus II, Curitiba, consta que a FAP, antiga Faculdade de Educação Musical do Paraná (FEMP), em 1991 se tornou a Faculdade de Artes do Paraná (FAP) e ainda na década de 90 a instituição ampliou seu perfil passando a ofertar cursos nas áreas de Teatro e Dança. Em 2005 se definiu o perfil que o Campus hoje apresenta, com a abertura de um curso superior na área de Cinema e Audiovisual e em 2013, a FAP passou a constituir um dos Campi da UNESPAR, uma instituição multicampi e multirregional.

A meu ver, o UM- Núcleo de Pesquisa Artística em Dança, Projeto de Extensão da UNESPAR/FAP, se apresenta como um grupo intergeracional, com aluno(a)s e ex-aluno(a)s, mestrand(a)os, doutorand(a)os, professores da dança e da música da FAP e público convidado. Grupo este, conhecido entre os pares e nas redes sociais por UM Núcleo, criado há 35 anos pelo colegiado do curso de dança da UNESPAR. Foi criado e nominado em 1987 como Grupo de Dança da Faculdade de Artes do Paraná (GDFAP). Porém, de acordo com Silva (2013, p. 69-70), em 2010 o GDFAP passou a ser denominado UM- Núcleo de Pesquisa Artística em Dança da FAP. Desde 2000, este grupo cultural está sob a direção da pesquisadora acima citada, a professora e bailarina Dra. Rosemeri Rocha da Silva e, considerando a sua permanência, dedicação continuada durante estes anos e pelas percepções nutridas na escrita proposta nos encontros semanais do Projeto de Extensão da UNESPAR/FAP no ano letivo de 2021, deixo registrado o olhar pesquisador e a escuta cuidadosa desta diretora e mestra, que propicia um território amplificado e parcimonioso de pesquisa, de forma participativa e colaborativa.

A educação, a arte e a cultura como temas que se fazem presentes nas instituições de ensino e nos diversos espaços sociais são apontados como:

de interação de pessoas cujas idades, culturas, gêneros, linguagens e concepções formam diferentes identidades que convivem, muitas vezes, cotidianamente, abrindo caminho para reflexão em torno do desenvolvimento individual e na cultura coletiva, permitindo a observação e a contínua transformação pela participação em diferentes círculos de vivências (ATAÍDE, 2015, p.64).

Essa citação revela minha percepção sobre os círculos de vivências do UM Núcleo. Minha participação junto a esse grupo cultural iniciou no primeiro encontro de 2021, por convite de uma integrante, a artista visual, bailarina e professora Eliza Pratavieira após uma vivência em pesquisa artística proposta por ela em 2020. Devido a pandemia da Covid-19, os cursos, programas e projetos de extensão foram oferecidos online, o que me possibilitou manter presença efetiva, contínua experimentação e pesquisa durante os meses de 2021 e até o corrente ano de 2022, junto ao grupo formado e renovado a cada semestre em torno das aulas propostas pelo referido Projeto de Extensão da UNESPAR/FAP.

Numa oportunidade ímpar, durante as semanas letivas de 2021 e iniciais de 2022, pude vivenciar dinâmicas e trocas intensas com estudantes, professores-pesquisadores da UNESPAR/FAP e com o público interessado e convidado de diferentes lugares, idades diversas, o que me despertou, de pronto, uma atenção especial para as relações, inclusive, intergeracionais presentes neste grupo formado pelo UM Núcleo. Desde então, nos encontros semanais deste coletivo, fiz a inventariação de palavras que me denotavam a proposta colocada no grupo do Projeto de Extensão Universitária de Pesquisa Artística em Dança e entre elas constam: diversidade, curiosidade, inteligências, flexibilidade, inventividade, presença, provocação, pesquisas, trocas, percepções, enriquecidas por uma evidente intergeracionalidade que me abriu um novo espaço de reflexão. Posteriormente, ciente da provocação que me move, me disponibilizei para a escrita do artigo contando minha experiência no UM Núcleo para a Revista O Mosaico da UNESPAR, no Dossiê Rasuras: enunciados performativos, organizado pela professora Dra. Rosemeri Rocha, pelo professor Me. Danilo Silveira e pela professora Me. Eliza Pratavieira. Um espaço aberto aos artistas

pesquisadoras/es interessadas/os no compartilhamento de suas investigações organizadas em formatos de artigos ou memoriais teóricos, poéticos, reflexivos, analíticos provenientes de pesquisas empíricas/artísticas e/ou históricas com ênfase em dança.

Com aulas práticas semanais, trocas de pesquisas pessoais e acadêmicas instigantes e discussões ricas coordenadas pela artista da dança, a Dra. Rosemeri Rocha e parcerias, posteriormente participei do Projeto Arquipélago: Processos Inacabados em Dança, uma integração de diferentes Ilhas de pesquisas e ações artísticas, que culminou com a tradicional Mostra Artística da FAP no 2º semestre de 2021, excepcionalmente on-line, nominada XV Mostra Uns e Outros, em comemoração aos 35 anos do UM Núcleo, reconhecido Projeto de Extensão Universitária da UNESPAR/FAP.

Durante a Mostra Artística, que ocorreu de 22/11/2021 a 04/12/2021, participei como intérprete-criadora, na coprodução do audiovisual e do roteiro da apresentação ao vivo, online, dos Ensaios em Zine e Movimento com a bailarina Sheila da Rocha e Jean Alembo, proponente deste estudo como aluno-pesquisador da UNESPAR/FAP. Como arte-educadora fui uma das proponentes da atividade formativa, nomeada a Dança da Partilha das Solidões, para pensar os impactos da pandemia sobre os corpos isolados em casa, em conjunto com outra participante do grupo UM Núcleo, a artista do teatro e da dança, Ana Letícia Villas Bôas. Juntas apresentamos e registramos a proposta, percepções e alguns resultados na Mostra Artística UM'S e OUTROS, Arquipélago UM no final do ano letivo de 2021.

Devido ao fato do Projeto de Extensão Universitária da FAP, no ano letivo de 2022, manter concomitantemente o formato online e o presencial e, dar continuidade às Ilhas de pesquisas artísticas do UM Núcleo, ainda integro este grupo envolvido com questões educativas e artísticas e, estou como uma das propositoras de uma das Ilhas online, junto com a fotógrafa, bailarina, ex-aluna da Unespar e mestranda da ECA-USP, Beatriz Fidalgo, com atividades experimentais de consciência corporal e práticas em dança contemporânea apresentadas em conjunto. A priori, na apresentação da proposta à coordenadora Rosemeri Rocha e equipe, denominei a experiência como Corpo: poesia imagética, com o intuito de pensar encontros possíveis, diálogos e

conexões, entre a pesquisa estética, imagética e poética do corpo em movimento, na improvisação, envolvendo textos poéticos trazidos a priori por mim como provocação, somados às escritas do(a)s próprio(a)s participantes e, imagens pré-selecionadas ou produzidas em parceria durante a prática sob a orientação da fotógrafa-bailarina Beatriz Fidalgo, como gatilhos imagéticos fomentadores do movimento transmutado em dança criativa e performática.

Após a descrição de participação junto ao UM Núcleo considerado como um grupo intergeracional nesta reflexão e, considerando o objetivo proposto, entre as definições pesquisadas sobre intergeracionalidade, destaco a de Gruenawald (2017 apud MENDES *et al.*, p. 67), quando afirma que as práticas intergeracionais são movimentos de relações interativas e recíprocas que beneficiam a todos os participantes ao promover o senso de coletividade e solidariedade. Considerando a intergeracionalidade como aproximação das diferentes gerações bem como seus conflitos e ideias, podemos entender que as diferenças e a diversidade de gênero e de gerações estão na base do processo de construção sociocultural, e que o ambiente educacional é privilegiado, inclusive, para o diálogo e orientação sobre a experiência de pessoas de diferentes idades e tempos (VERDE; SILVA, 2015, p. 6). A presença no grupo cultural UM Núcleo de professores e professoras, músicos, artistas de idades, lugares e gerações diferentes corporizadas em forma de experiências e conhecimento me revelou recursos e vivências experimentadas anteriormente nas escolas e coletivos artísticos, que acabam a meu ver por diminuir a distância entre pessoas de gerações diferentes.

Martins e Serrão (2018a, p. 251), citam práticas acompanhadas e facilitadas por relatos individuais de interesse e inventariação das vivências, analisadas pelas lentes de cada um, seguidas de discussão ativa no coletivo, que continuamente estimula e desemboca em outros e novos movimentos de dança e de partilha entre jovens e adultos. Ao meu ver, como em outras experiências ainda vívidas, presentes no meu corpo e mente, o grupo UM Núcleo vem corroborar com as autoras que trazem a importância do encontro de gerações no resgate da identidade de indivíduos ativos e criativos em diferentes idades e consolida a ideia da inevitável aprendizagem ao longo da vida. Ainda de acordo com Martins e Serrão (2018b, p. 252) o cultivo da identidade geracional promove novas

possibilidade de interação e cooperação, que por si mesmas se tornam ganhos psicossociais e culturais indiscutíveis.

No tempo presente desta escrita me deparo com a correspondência que se faz da passagem da fase adulta para a maturidade *envelhescente*, advinda do termo *envelhescência*, com a passagem existente da adolescência para a fase adulta. Numa constante redescoberta do próprio feminino humano, corporificado mulher, a sustentação desse diálogo entre as próprias ideias e as referências e fontes pesquisadas como subsídios para este relato-reflexão de experiências junto ao grupo UM Núcleo, se faz com elementos inerentes trazidos por quem pensa a *envelhescência* e, neste momento, traz para o centro das reflexões as professoras, a relação com alunos e alunas, os parceiros das artes e da dança e todos os participantes deste grupo em questão, que são de diferentes gerações. Experiências que se apresentam para mim, enquanto corpo pesquisadora, como um núcleo de investigação particularmente muito rico ao trazer as características socio, econômica, política e cultural específicas, um contexto recortado e especial de Curitiba, capital do estado do Paraná, região sul do país.

Enquanto mulher, professora, educadora ambiental em instituições de ensino e arte-educadora em coletivos diversos registro as passagens, paisagens e intersecções desta trajetória relatada na escrita de introdução, e, outras conexões que configuram, diretamente ou indiretamente, as contribuições dadas por tantas mulheres e a influência de cada uma delas na preparação de gerações, revisitadas na experiência explícita e na observação das professoras e professores da UNESPAR/FAP, junto ao grupo cultural UM Núcleo.

Berlinck (2000a, p. 196) diferencia o termo *envelhescência* de envelhecimento, explorando a lógica de que o primeiro nasce como consequência do segundo. O termo foi criado por este professor da Unicamp/SP e sociólogo Manoel Berlinck, que compreendia dos 45 aos 65 anos de idade como uma espécie de geração intermediária entre a idade adulta e a velhice, à semelhança, aliás, do que consiste na adolescência, uma transição entre as fases da infância e a adulta. De acordo com este brilhante sociólogo, na envelhescência, o sujeito se encontra em um lugar de pensar seu processo de envelhecimento, em um esforço

solitário, que pode enriquecer o mundo interno do próprio sujeito (1996a, Berlinck apud Teixeira *et al.*, 2015a, p. 511).

Enquanto Martinez, 2015, diretor do documentário *Envelhescência*, durante entrevista a respeito do filme, afirmou que a expressão foi usada pela primeira vez por Prata (1997, p. 45), que fez um texto chamado *Você é envelhescente?* Segundo Martinez (2015), o escritor usava o termo para representar a passagem dos 40 aos 60 anos, onde para ele nesta fase acontece uma adolescência anterior à velhice.

A respeito desta fase de transição denominada curiosamente como envelhescência, emergiu do âmago das minhas próprias reminiscências e vivências pessoais questionamentos como: as mulheres-professoras e artistas estão conscientes, enfrentam a própria *envelhescência* e a de outras mulheres que caminham ao seu lado? Temos que falar sobre isso para entender a dificuldade, ou não, que temos de escuta entre gerações?

A *envelhescência* e o alerta que antecede essa fase não foram pautas concretas de discussão e reflexão nos encontros e nas práticas propostas em espaços educativos e artísticos por onde transitei. Nem mesmo nas escolas, com destaque aos supletivos (educação de jovens e adultos) e aos cursos técnicos profissionalizantes, onde angariei experiência como professora e que são naturalmente intergeracionais, pude constatar qualquer reflexão e um olhar diferenciado para o encontro inequívoco entre gerações presentes nas instituições de ensino e nos respectivos espaços socioculturais.

A experiência intergeracional em diferentes coletivos e no grupo UM Núcleo da UNESPAR/FAP e a própria *envelhescência* acompanhada de reflexão, citando a partir daqui Botelho *et al.* (2015a, p. 54), podem contribuir com a análise da cultura das gerações em seus espaços de atuação, entendendo os atores sociais no comportamento, nas falas e nas relações geracionais, para se entender com mais precisão as inquietações existentes entre as diferentes faixas etárias e oferecer mais informações no que se refere ao fenômeno da intergeracionalidade, suscitando diálogos durante as partilhas de experiências e vivências. Neste sentido, ainda de acordo com Botelho *et al.* (2015b, p. 57), urge o debate científico, político e pedagógico, sobre as relações intergeracionais, na perspectiva de se encontrar alternativas que possibilitem o surgimento de

práticas pedagógicas inovadoras que contribuam para disseminar valores de respeito à história de vida das pessoas *envelhescentes* (termo aqui inserido), considerando as experiências nos espaços da sociedade por onde passaram e os encontros que suscitam a troca de múltiplos saberes.

Ao envelhecer as pessoas representam a memória coletiva da sociedade e são transmissoras de referências do processo histórico-cultural e de um tipo de saber. Se elas não forem consideradas e inseridas nos espaços de educação e cultura, além dos livros e da internet, quem fará a transmissão oral do conhecimento, da tradição e da cultura de um tempo?

A transmissão oral é repleta de emotividade e profundidade, é tradição vívida, incomparável às outras compilações disponíveis para se obter informações e conhecimentos históricos diversificados. A oralidade presente nas relações entre gerações pode contemplar temas como solidariedade, diversidade, esperança, revolução e rebeldia, que remetem a símbolos de diferentes gerações e podem até coincidir em alguns aspectos e significar pontes da *intergeracionalidade* (2002 Goldman apud Botelho *et al.*, 2015c, p. 62).

Precisamos continuar a refletir nas esferas institucionais de educação e cultura artística sobre o tratamento dado aos corpos das chamadas minorias de etnias, cores e gêneros diversos e, conscientizar o conjunto da sociedade sobre a série de dificuldades, tal qual o famigerado preconceito social evidenciado entre as minorias, que essa parcela considerável da população em processo de envelhecimento enfrenta.

Somado a isso, de acordo com Eiras *et al.* (2004, p. 6-7), é importante destacar a importância das iniciativas que já existem, que garantam minimamente o processo de socialização, a manutenção da capacidade cognitiva, de autonomia e ganhos humanísticos durante a *envelhescência*, embora ainda mesclado com representações sociais centradas em aspectos preconceituosos, uma vez que os processos de transformação social são complexos e demorados. Para a autora, a intergeracionalidade é observada nas atividades esportivas, artísticas e culturais, como na capoeira, no teatro, na dança popular, tanto quanto nos projetos socioeducativos e, este fato acentua momentos de reflexão, de criação e de práticas ao promover o diálogo e a troca entre as gerações, onde é permitida a transformação e a reconstrução da tradição no espaço dos grupos sociais. A

troca de saberes possibilita vivenciar diversos modos de pensar, de agir e de sentir e assim, pode renovar as opiniões e visões acerca do mundo.

UM Núcleo provocador da reflexão sobre a intergeracionalidade

Durante esse processo descrito e experimentado junto ao UM- Núcleo de Pesquisa em Dança, Projeto de Extensão da UNESPAR/FAP, me certifico do que traz Martins e Serrão (2018c, p. 251), ao afirmarem que um grupo intergeracional é um espaço de criar, compartilhar, se autoconhecer, se reconhecer e de participação inclusiva. Para as autoras é um contributo na formação de jovens e adultos de diferentes idades que poderão ganhar ao longo do tempo novos papéis na sociedade enquanto artistas e profissionais da arte e da educação. Afirmam que é possível vislumbrar pontes e muros entre as diferentes gerações.

Utilizo a visão de Simão (2016a, p. 223) para reforçar o propósito deste texto de ilustrar o que me oferece o grupo UM- Núcleo de Pesquisa Artística em Dança, quando a autora afirma que em nossos ambientes educacionais é necessário preceitos para a difusão de valores, fomentando não apenas as pesquisas e sim, propostas de intervenção em perspectivas históricas e críticas passíveis de transpor os muros acadêmicos, atingindo e transformando positivamente parcelas cada vez mais amplas da população. Simão (2016), traduz a minha trajetória em coletivos e a vivência no UM Núcleo ao afirmar que:

“quando o assunto se refere às áreas de Educação não formal e de arte-educação, os ambientes educacionais são privilegiados com processos fluidicos e prazerosos relacionados ao grau de liberdade que se tem para atuar. Quando as propostas privilegiam o empenho coletivo e são potencializadas pelos atributos vindos da arte, as atividades acabam se direcionando ao estreitamento de relações” (SIMÃO, 2016b, p. 223).

A autora citada ressalta ainda que cabe a(o) professor(a), acrescento arte-educador(a)es e artistas, propiciar condições para que seu público possa adentrar em processos de imersão subjetiva de forma suave e criativa, proporcionando ambientes estimulantes, encorajando-os a enfrentar embaraços, oferecendo materiais interessantes, demonstrando técnicas e sugerindo caminhos, mas, principalmente apresentando o estado de liberdade e de ousadia que a arte é capaz de provocar. Nessa perspectiva, o grupo UM NÚCLEO

formado por artistas e professores da dança, da música, das artes visuais, arte-educadoras e arte-terapeutas, cria um ambiente provocador e humificado, pois, há humus e humores diversificados para adubar os processos criativos.

Durante essa pesquisa e reflexão teórica, me ocorreu a interface arte/intergeracionalidade presente na obra fartamente vista de Pina Bausch, *Kontakthof*, criada em 1978 e remontada por ela em 2000 com pessoas com mais de 65 anos e menores de 19 anos, logo, simultaneamente atemporal e atual (CALDEIRA, 2011a, p. 129). A autora ao escrever sobre essa obra destaca o agudo olhar de Bausch que usou as formas e diferenças de idade para acentuar preocupações universais e, afirma que há uma profusão incrível de interesse humano no palco (CALDEIRA, 2011b, p.134). A coreógrafa Pina acreditava que a memória e a emoção resultantes dessa vivência intergeracional iriam refletir no movimento e na criação individual. De acordo com Caldeira (2011c, p. 133), o que a obra de Pina Bausch oferece é um corpo de baile majestoso em toda a sua força e fraqueza, um lugar onde as pessoas estão à procura de contato.

Guardando as devidas proporções, quando me apresentei ao grupo do UM NÚCLEO no início de 2021 registrei um acolhimento entre pessoas de diferentes idades e lugares à procura de contato, de experiências dinâmicas e trocas formativas, na arte e na educação. O modelo de interação preconizado por esse Projeto de Extensão Universitária da UNESPAR/FAP, a meu ver, contempla ainda o que trazem Mendes, Leandro e Lopes (2017a, p. 78), isto é, um fomento de momentos de reflexão, de criação e de práticas sociais ativas, que sustenta uma visão do conhecimento enquanto construção coletiva. Ainda de acordo com estes autores, iniciativas educativas com uma forte dimensão social, cultural e artística, complementando e contextualizando a vertente curricular da escola, constitui um importante contributo para fazer face aos novos desafios que se colocam ao próprio sistema educativo. As mudanças socioculturais recentes que têm operado nas sociedades modernas transformaram a instituição de ensino, fazendo emergir preocupações que reivindicam modelos de educação social e inclusiva.

O corpo é cercado de repertórios de movimento do cotidiano ou, em termo artístico, repertórios criados a partir de uma subjetividade. A criação cênica contemporânea no que diz respeito a dança, abrange possibilidades de

construção a partir de estudos corpóreos já propostos anteriormente, ou não (CARMO, 2013a, p. 227). A arte é múltipla linguagem em constante metamorfose e a dança está inserida nesse contexto e é, sobretudo, o pensamento do corpo (CARMO, 2013b, p. 228). A mesma autora reafirma que esse novo panorama que chamamos de contemporâneo nos dá asas para compartilhar experiências únicas, desnuda a ideia de que na arte contemporânea tudo pode acontecer, em qualquer espaço, tempo e lugar e, que a dança também abre portas (CARMO, 2013c, p. 233), como algumas que pude abrir e experimentar com artistas jovens nos encontros propostos nas Ilhas de pesquisas do Projeto Arquipélago UM, assim nomeado para a XV Mostra Artística Uns e Outros da UNESPAR/FAP, em 2021 e, posteriormente iniciadas para a própria Mostra de 2022.

Partindo deste ponto de vista, a proposta do UM- Núcleo de Pesquisa Artística em Dança, Projeto de Extensão Universitária da UNESPAR/FAP, certamente contempla essas afirmativas com propriedade tanto nos encontros online como no presencial, considerando o processo consolidado durante os 35 anos de práticas e pesquisas integradas a outras linguagens artísticas, como a música e artes visuais, as quais pude acompanhar e vivenciar diretamente como corpo-pesquisadora, durante os anos letivos de 2021 e 2022.

Discutindo o pensamento das obras de Benjamin (2012a), Vargo-Soares e Schutz-Foerste (2020a), se destacam alguns pontos que representam algumas das experiências presentes na minha reflexão como professora, arte-educadora e nas pesquisas em dança que participo, quando reafirmam que aprender e ensinar não são atos solitários, muito pelo contrário, são atos de gentileza, de compartilhar, que se dão entre gerações. Conforme assevera Benjamin (2012b apud VARGO-SOARES; SCHUTZ-FOERSTE, 2020b, p.270), a educação constitui, prioritariamente, a indispensável ordenação das relações entre as gerações. Ainda de acordo com Vago-Soares e Schütz-Foerste (2020c, p. 271) não há como mensurar os ganhos e perdas, mas o fato é que a educação precisa atuar como mediadora nas trocas geracionais.

Considerações Finais

Instigada fui a me debruçar sobre as experiências inventariadas no corpo e no papel durante o período de 2021/2022 junto ao grupo cultural UM NÚCLEO da

UNESPAR/FAP e escrever sobre algumas inquietações que me acompanham durante a própria envelhecimento, entre as quais, pinço o tema intergeracionalidade para me aprofundar como corpo pesquisadora em dança-teatro, como arte-educadora ambiental e corporal e, refletir sobre a prática alicerçada pela teoria apresentada no grupo, em encontros com atmosferas adubadas pela música, imagens e movimento livre e criativo.

De acordo com Botelho *et al* (2015d, p.62), se houver preocupação real e tentativas de desconstruir diversos preconceitos existentes e manifestados entre as gerações será necessário considerar todo contexto cognitivo, afetivo, ambiental, cultural e espiritual. Afirmo que apenas será possível se as instituições disseminarem ideais renovadores, comprometidos com o processo de humanização da sociedade em geral e, para que todas as gerações sejam beneficiadas este processo exige o exercício do respeito nas relações interpessoais independente da identidade de gênero, da idade, da etnia, cor da pele, territorialidade e situação socioeconômica.

Cuno, Nas e Silva (2011), artistas da dança, *envelhescientes*, escreveram no Correio Braziliense que a dança mantém um lugar sob os holofotes a quem acumula sua trajetória no corpo. Disseram ao Correio Braziliense que hoje, num universo mais democrático, bailarinos e bailarinas já não precisam deixar o palco ainda durante a plenitude criativa, conseguindo estender sua fase produtiva até a maturidade. A dança não está mais só ligada à vitalidade, mas também à experiência do corpo. Citam Pina Bausch, Mikhail Barishnykov, Alicia Alonso, Ana Botafogo, Kazuo Ono e se colocam como artistas em processo de envelhecimento ao participarem da produção do texto publicado no Correio Braziliense. Poderíamos acrescentar ainda tant(o)as outr(o)as artistas brasileira(o)s da dança nesta lista como a icônica bailarina, pesquisadora e professora Angel Vianna, que dançou muito além de seus 80 anos e, junto ao pesquisador e coreógrafo Klauss Vianna influenciou muitas gerações de artistas. Ambos fizeram história na dança, no teatro, na formação de artistas e contribuíram com inúmeras pessoas que descobriram um corpo presente para apenas bem viver cotidianamente.

UM NÚCLEO enquanto Projeto de Pesquisa Artística em Dança fornece uma formação que vai de encontro às necessidades de pessoas com diferentes

papéis na arte, na educação, na área da saúde mental e da terapia corporal, entre outras. Oferece oportunidades constantes de formação à medida que o estafe e as responsabilidades se alternam continuamente pela acessibilidade dada ao grupo e pelos convites, entre artistas e pesquisadores, para apresentação de trabalhos ao público. Finalmente, este Projeto de Extensão Universitária da FAP tratado até aqui, em conjunto com a Revista O Mosaico da UNESPAR fornece espaço e assegura publicidade aos resultados relevantes obtidos durante as pesquisas artísticas em dança, enquanto o grupo cultural UM NÚCLEO segue potente e comprometido em ultrapassar os muros acadêmicos e retribuir à sociedade todo aprendizado proporcionado nestes 35 anos de existência.

Neste momento histórico único que vivemos, ainda sob os reflexos herdados da pandemia Covid-19, o convite que está posto e reverbera pelo mundo é a disposição para uma escuta cuidadosa, inclusive, entre gerações, que possa nos fortalecer e nos unir para a necessária r(e)volução das instituições educacionais e para evitarmos uma eventual falência democrática. Representa bem esse momento pós pandêmico que vivemos a fala do professor, jurista e filósofo Dr. Sílvio Almeida citada recentemente, agosto/2022, pelo jornalista Juca Kfoury em um canal de notícias (ICL), “Talvez o Brasil, tal como nós conhecemos, já não exista mais. Para mim já não se trata mais de reconstruir o Brasil, mas, sim de construir um Brasil que nunca existiu”.

Construir um Brasil que nunca existiu implica na valorização da nossa ancestralidade, dos povos afroindígenas que há séculos estão resistindo em seus territórios para que se mantenha o respeito pela tradição, pela cultura dos povos originários, pela cultura popular brasileira e, para que se reconheça a importância defendida aqui da transmissão da cultura pela oralidade em diferentes tempos e gerações e, para isso acontecer deve haver intergeracionalidade possível.

Em síntese, os autores e autoras pesquisado(as) reforçam a ideia de que perceber as relações intergeracionais é entender que a cultura emerge em cada núcleo social, seja no nível micro ou macro, fundamentando-se na partilha de fatos sociais e experiências significativas que originam consciência comum e coletiva ao longo da vida.

Referências Bibliográficas

ATAÍDE, Patrícia Costa. Relações de gênero no ensino fundamental: um enfoque intergeracional. In: I SIMPÓSIO MARANHENSE DE PESQUISADORAS(ES) SOBRE MULHER, RELAÇÕES DE GÊNERO E EDUCAÇÃO, 2015, São Luís. Anais...São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2015. p. 64-77.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BERLINCK, Manoel Tosta. A envelhescência. In: Psicopatologia Fundamental. São Paulo: Escuta, 2000. p. 193-198.

BOTELHO, João Batista Cardoso. et al. Relações de gênero na intergeracionalidade no IFMA/Campus São Luís/Maracanã. In: V SIMPÓSIO MARANHENSE DE PESQUISADORAS(ES) SOBRE MULHER, RELAÇÕES DE GÊNERO E EDUCAÇÃO, 2015, São Luís. Anais...São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2015.

CALDEIRA, Solange. Pina Bausch: para maiores de 65 anos. Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, 2020, v. 1, n. 16, p. 129-135. DOI: 10.5965/1414573101162011129. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101162011129>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

CARMO, Mayara Emanuelli Silveira do. O corpo que dança: reflexões sobre as pesquisas do corpo nos legados de Pina Bausch e Rudolf Von Laban e as suas influências no processo de composição cênica na dança contemporânea. Repertório. v. 1, n. 20, 2013. (p. 227-234). Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/8765>>. Acesso em: 13 ago. 2022.

CUNO, Yara de; NAS, Alexandre; SILVA, Soraa. A dança madura do corpo: mais experiência, mais diversão. In: Diversão e Arte. Brasília: Correio Braziliense, 2011. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2011/08/21/interna_diversao_arte,266409/a-danca-madura-do-corpo-mais-experiencia-mais-diversao.shtml>. Acesso em: 11 ago. 2022.

EIRAS, Neusa Batista. et al. Reminiscências: Três Encontros com a Intergeneracionalidade. In: 2º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2004, Belo Horizonte. Anais...Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2004. p. 1-7.

FREIRE, Isabela Cristina Costa; VIANA, Valderice do Nascimento. Fisioterapia e a intergeracionalidade numa visão filosófica. In: V SIMPÓSIO MARANHENSE DE PESQUISADORAS (ES) SOBRE MULHER, RELAÇÕES DE GÊNERO E EDUCAÇÃO, 2015, São Luís. Anais...São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2015. p. 78-89.

GRUENWALD, Tara L. et al. The Baltimore experience corps Trial: enhancing generativity via intergenerational activity engagement in later life. The journals of gerontology. Series B, Psychological sciences and social sciences. 2016, v. 71,

n.4, p.661-670. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25721053>>. Acesso em: 03 jun. 2022.

MARTINS, Teresa; SERRÃO, Carla. Identidades (des)cobertas na aprendizagem intergeracional. Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Instituto Politécnico de Leiria. Porto, 2018, p. 251-253. Disponível em: <https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/12109/1/Identidades%20%28des%29cobertas_Proj.intergeracional.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2022.

MENDES, Pedro Cabral; LEANDRO, Cristina Rebelo; LOPES, Mónica. Práticas intergeracionais e interdisciplinares na Educação. Um exemplo prático no Ensino Básico. Revista Portuguesa de Pedagogia. v. 51(1), 2017. (p. 63-82). Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/rppedagogia/article/view/1647-8614_51-1_4>. Acesso em: 17 jul. 2022.

PRATA, Mário. 100 crônicas. 1 ed. São Paulo: Editora Cartaz Editorial, 1997.

SAUTHIER, Helio. História do Campus de Curitiba II – FAP. In: História do campus FAP. Curitiba: Universidade Federal do Paraná – Campus de Curitiba II, 2022. Disponível em: <<https://fap.curitiba2.unespar.edu.br/menu-de-apoio/historia-do-campus-fap>>. Acesso em: 12 ago. 2022.

SILVA, Rosemeri Rocha da. Uno, mapa de criação: ações corporalizadas de um corpo propositor num discurso em dança. 2013. 204 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro e Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27495>>. Acesso em: 13 ago. 2022.

SIMÃO, Selma Machado. A arte integrando gerações em um contexto educacional não escolar. Educação: Teoria e Prática. 2016, v. 26, n. 52, p. 212-231. Disponível em: <<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/10104>>. Acesso em: 14 ago. 2022.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA. Diretor do filme “Envelhescência” fala sobre inspirações e personagens. São Paulo: SBBG, 2015. Disponível em: <<https://www.sbgg-sp.com.br/diretor-do-filme-envelhescencia-fala-sobre-inspiracoes-e-personagens>>. Acesso em: 01 jun. 2022.

TEIXEIRA, Selena Mesquita de Oliveira. et al. Reflexões acerca do estigma do envelhecer na contemporaneidade. Estudos Interdisciplinares, Revista Envelhecimento. 2015, v. 20, n. 2, p. 503-515. Disponível: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/45346>>. Acesso em: 11 ago. 2022.

VARGO-SOARES, Maria Angélica; SCHÜTZ-FOERSTE, Gerda Margit. Encontros intergeracionais mediados por imagens e memórias do bairro e da escola. Revista Educação, Artes e Inclusão. 2020, v. 16, n. 1, p. 268-294. Disponível em: <<https://periodicos.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/16199>>. Acesso em 07 ago. 2022.

VERDE, Ana Paula dos Santos Reinaldo; SILVA, Francineia Pimenta e. Homossexualidade, gênero e orientação sexual numa visão intergeracional. In: V SIMPÓSIO MARANHENSE DE PESQUISADORAS(ES) SOBRE MULHER,

RELAÇÕES DE GÊNERO E EDUCAÇÃO, 2015, São Luís. Anais...São Luís:
Universidade Federal do Maranhão, 2015. p. 53-63.

Recebido em 12/08/2022, aceito em 27/10/2022